

Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONARCHEICO

Director, João Rocha dos Santos
 Editor e administrador, Thomaz Rocha dos Santos
 Redacção e administração,
 38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Propriedade da Empresa
 DOS
 Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
 Typographia Minerva Vimaranesse
 68, Rua de Payo Galvão, 72
 GUIMARÃES

Bonita perspectiva!

O *Seculo* de 5 de Maio, em correspondencia do Brazil, diz que cada vez lá perde mais terreno o commercio portuguez de exportação e explica as causas.

Pelo que nos diz respeito a nós, os minhotos, salienta que *passa inclemencias nos mercados brazileiros* o nosso alegre vinho. Apresentam uma marca nova que, por via de regra, rapidamente se acredita; vem segunda remessa aceitavel, a terceira deixa a desejar, a quarta deita-se fóra!

«A marca cae por completo, porque não ha maneira de obter o mesmo typo de vinho duas vezes seguidas! A preocupação, unica, do exportador é vender muito; se perde na primeira remessa, quer recuperar na segunda, alterando a marca, damnificando o mercado.»

Não admira que o consumidor procure novas marcas de vinho, não escolhendo as que sejam portuguezas, receoso de mais uma vez se vêr ludibriado... D'ahi a grande sahida dos vinhos francezes e hespanhoes, não tão bons, decerto, mas de medida exacta e marca honesta.

O mais singular é que para o mercado inglez os exportadores portuguezes conservam o mesmo typo de vinho, mantendo firme os seus preços. Porque não empregarem a mesma seriedade para o mercado brazileiro? Justo é acentuar que ha exportadores patricios que conservam inalteraveis as suas marcas. Citar os seus nomes seria denunciar os que não são escrupulosos. D'ahi a nossa abstenção em fazê-lo.

Pois é pena! A discreção é ás vezes uma coisa bem inconveniente e injusta. Esses traficantes de má morte, bem mereciam ser expostos no pelourinho, para que todos, desde o productor ao ultimo consumidor, lhe escarrassem o seu desprezo.

Quê! pois ha de haver contemplanções com uns porcos tratantes que sacrificam ao seu egoismo feroz a lavoura de um paiz inteiro!? Não se lembrem esses birbantes que, desacreditando o unico genero de exportação que algumas provincias, como o Minho e o Douro possuem, vão lançar na ruina umas, e na miseria outras, as centenas de milhares de familias que directa e indirectamente vivem da propriedade agricola?

Que castigo seria suficiente para estes ignobeis exploradores, que com a sofreguidão torpe do ganho, levam milhares de individuos a expatriarem-se de um paiz pouco povoado e rico de solo e clima, mas que nem assim lhes pode dar trabalho e pão?! Diga, Snr. Secretario da Camara Portugueza do Comercio e Industria do Rio de Janeiro, diga-nos quem são os commerciantes honrados, que ahí não vendem agua por vinho, para que nós os reverenciemos, apesar da convicção em que estamos de que mesmo com toda a sua honradez, o vendem pelo triplo ou quadruplo do preço miseravel porque nol-o pagam. Mesmo assim lhes chamaremos honrados, se o facto lhes não pezar na consciencia.

Quanto ao azeite, diz o mesmo Secretario, em phrase elegante e correcta, que não podendo misturar-lhe agua, apenas um recurso resta aos honrados negociantes: roubar no peso! Ha kilogramma d'azeite que pesa desde as mil grammas do estylo até 700 ou 600 grammas, conforme a maior ou menor elasticidade dá consciencia do fornecedor.

O que nos vale a nós, detentores da propriedade, é a certeza de que a breve trecho, ficaremos livres do encargo.

No congresso da Figueira ficou assente que, a pedido instante do snr. Ramos da Costa, a maior protecção seria dada ás classes trabalhadoras, aos desherdados da sorte e da fortuna e para isso seriam augmentadas as contribuições.

Ah! como são amovéis os nossos queridos democraticos! Que doce, que profunda phylosophia a sua! amparar os fracos, fartar os famintos!

Miseraveis, ignobeis truões, ridiculos farçantes!! onde ides buscar, refalsados hypocritas, com que lhes matar a fome, com que lhes saciar a sede? E' do vosso bolso? ou contaes dar-lhes o que é nosso? Se é do vos-

so bolso, dizei onde fostes buscar, miseraveis pelintras! Se é do nosso, como o fareis, se vós estancaes, no vosso orgulho e na vossa estupidez, as fontes da vida, da abundancia e da riqueza? Que quereis vós insinuar que os ricos fazem do que é seu? que o comem? Vós bem sabeis que não, por muito estupidos que sejaes. Bem sabeis que a ostentação, o luxo, a vaidade são defeitos de que, sem repugnancia, se podem alimentar muitas virtudes. E se o sabeis, para que mentis?!

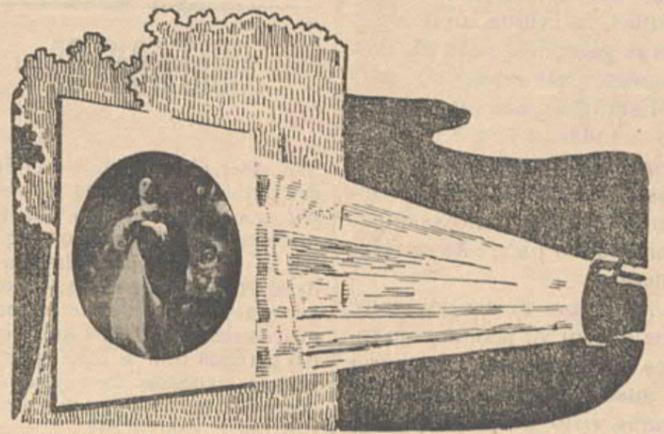
Atirae fóra a mascara que já é tempo: demais vos conhecem aquelles a quem tão torpemente enganastes e explorastes em proveito unico da vossa estulta, ridicula e injustificada vaidade. Encheis a bocca com o povo, como se o povo não fosseis nós todos os que pagamos, os que contribuimos para o deboche pegado em que andaes.

Povo honrado, não lhes dêis ouvidos. Bem sabemos que a vossa sorte é mais dura do que a dos que possuem capitaes e predios, mas não cuideis que os politicos vol-a melhorarão. Vós, que viveis dos proprietarios, sereis tanto mais felizes, quanto mais elles vos derem que fazer. Não os invejeis quando os verdes passar melhor vestidos do que vós. Quantas vezes elles trocariam o pão alvo de sua meza, pelo negro, amassado com o suor do vosso rosto!

Atirae para longe o baixo e ruim sentimento da inveja e pensae que por mais que os phylosophos pinguem, ainda os sinceros, é impossivel estabelecer a egualdade de destinos, de merecimentos e de condições.

Reparae, quando mais não seja, no machinismo d'um relógio: é preciso graduar o movimento de umas e d'outras rodas, para que elle regule; se todas fóssem eguaes e andassem com a mesma velocidade nada poderiam fazer. Assim é a vida. Cada um tem o seu papel a desempenhar: desempenhe-o com consciencia, que é a forma de fazer grande um papel pequeno.

CINEMATOGRAHO



Avé, Maria!

Fita sacra

Mãe de Deus e nossa Mãe,
 Virgem pura, Virgem santa,
 Tens a belleza que encanta,
 Tens o encanto que seduz!
 E's bemdita entre as mulheres,
 E's grande, como ninguem,
 Quer a sorrir em Belem,
 Quer chorando junto á Cruz!

E's saudada pelos homens
 Que teem no amor a teu Filho
 Da fé o intenso brilho,
 Da paz a santa alegria.
 No mundo que te conhece,
 Ao surgir radiante a aurora,
 Voltam-se p'ra ti, Senhora!
 Saudam-te: «Avé, Maria!»

Quando o sol em seu zenith
 Dá luz e calor ao mundo,
 Quando mais bello e jucundo
 Se ostenta, sorrindo ao dia,
 O crente, em prece sentida,
 Com esperanza e fervôr,
 Entôa um hymno d'amor:
 O teu hymno: «Avé, Maria!»

Quando, depois de ter dado
 Calor que fecunda a terra,
 O sol bemdito se encerra
 Lá no mar; e principia
 O lilaz crepuscular,
 Formando tapete á lua,
 Toda a terra, ó Mãe, que é tua
 Saúda-te: «Avé, Maria!»

Mas é em maio florido,
 Quando se ostenta a belleza
 Da formosa natureza,
 Toda cantos e poesia,
 Que todos os seres criados,
 O homem, o sol, a flor,
 Te entôam hymnos d'amor,
 Saudando-te: «Avé, Maria!»

Os crentes, ao terminar
 Este mez de prazer santo,
 Entoam, Mãe, esse canto
 Que a sua fé vos envia.
 E, vindo depôr-te aos pés
 Suas preces, suas flores,
 Consagram-te os seus amores,
 Saudam-te: «Avé, Maria!»

Padre Gaspar Roriz.

.....
 E, numa apothose de luz, apparece um grande signal no céu: uma Mulher vestida de sol, tendo a lua a seus pés e na sua cabeça uma corôa de doze estrellas.

APOCALYPSE—XII—1.

Pathé.

Apaziguamento

Que é uma urgente necessidade restabelecer a paz e o socego entre a familia portugueza, não ha ninguem que o não reconheça e confesse. Com estes odios tão fundos, que fervem nalgumas almas, com estas dissensões tão vivas, que lavram em muitas terras, com esta mutua desconfiança com que nos fechamos uns aos outros, a nação nada aproveita, antes tem tudo a perder.

Uma terra pequena, como a nossa, falha de recursos, enfraquecida por erros frequen-

tes e repetidos, não pode aguentar-se por muito tempo, se não nos unirmos num mesmo pensamento de patriotismo.

Se quizermos salvar a nossa independencia, que deve ser a nossa suprema aspiração; se quizermos tambem melhorar a nossa situação interna, que deixa tanto a desejar, forçoso é que nos unamos. A união é a unica tabua de salvación que nos resta. Se a aproveitarmos, salvar-nos-hemos; se a negligenciarmos, fatalmente nos perderemos.

E porque é que se não faz a união entre os portuguezes em face dos perigos que os rodeiam?

A causa todos a sabem: é que, desde ha quasi quatro annos, em lugar d'um governo nacional e patriota, temos a dirigir-nos um governo de seita, um governo unilateral, um governo de facção.

A maior parte dos portuguezes, e por signal dos mais prestantes, são tratados como escravos, peor do que estrangeiros, olhados como inimigos.

Os encargos da nação pesam sobre todos e ainda mais sobre os adversarios dos governantes do que sobre os seus partidarios, mas as garantias, as verdadeiras e seguras garantias, essas são unicamente para estes.

Esta desigualdade, contraria a todas as leis, a todos os principios democraticos, a todas as promessas tão solememente feitas noutros tempos por todo o paiz, não se pode tolerar.

A' sombra d'estes governos, que diziam vir acabar com todos os privilegios, e instaurar o austero imperio da justiça, temos visto gozar da protecção da auctoridade os grandes criminosos e ser perseguidos os innocentes.

Para não citar muitos outros exemplos, basta recordar o que se passou no Porto com o segundo congresso da Juventude Catholica. A gente pacifica, ordeira, morigerada não pode usar dos seus direitos, sem que seja desrespeitada, enxovalhada, insultada, maltratada. Pelo contrario os discolos, os matulões, os rufias, os moradores das alfurjas tem carta branca para darem larga aos seus instintos de maldade.

Tem-se visto nestes tempos de apregoada fraternidade e igualdade alguns cidadãos pedirem a protecção da auctoridade, quando fundadamente receavam ser turbados nos seus direitos, e ella, ou por uma fraqueza inexplicavel ou por um facciosismo repugnante, negar-se a dá-la.

Não; assim não pode haver paz, nem união, nem socego. Unirmo-nos a gente que escarnece das nossas crenças, que calca aos pés os symbolos mais augustos da nossa fé, que despreza os nossos direitos mais legitimos, que nos insulta e nos espanca no meio das praças e das ruas e que, quando nós invocamos a lei, ainda nos prende por cima, isso nunca.

Somos patriotas, ardentemente desejamos o bem da nossa patria, a felicidade do nosso povo. Mas não podemos unir-nos nem fazer causa commum com aquelles que não nos consideram como portuguezes e ainda menos como cidadãos.

Não somos nós quem semeia odios nem quem abre divisões. Sempre fomos e continuaremos a ser homens de ordem e de paz. Não nos resignaremos, porém, a que nos espesinhem e a que ainda se riam de nós.

A paz é precisa; estamos promptos a trabalhar por ella, mas havemos de o fazer de

pé e de cabeça levantada; de rojo nunca.

Vejam e pensem bem nas responsabilidades em que incorreram, aquelles que fizeram d'esta nação tão pacata, tão concorde nos seus habitantes, uma nação em que agora impera o odio, a vingança, a divisão.

Ah! se alguns homens fôsem ainda susceptiveis de remorsos, como andariam agora angustiados com os males que causaram!

P. A.

CONFRONTOS

A. Herculano fazendo a critica de certos trabalhos da historia portugueza, feitos com a mais lamentavel incompreensão do que seja a natural evolução das sociedades através dos seculos, — porque nos pintam a côrte dos primeiros reis da dynastia Affonsina tão parecida com as côrtes já polidas e civilizadas da renascença que parecem todas ellas a mesma, — o que é, bem se comprehende, um absurdo insustentavel — conta, para desfazer a visão ingenua de taes historiadores, um episodio historico que define, d'um modo bem frisante, o que era a sociedade na península no primeiro quartel do seculo XII. A scena passa-se em Compostella, e Herculano traslada-a da *Hist. Compostellana*.

O povo amotinado revolta-se contra o Arcebispo Gelmirez e contra a rainha D. Urraca, que era, como se sabe, irmã mais velha de D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques. Gelmirez era um prelado guerreiro, e um potentado, mas violento e despotico, e muito da prvança da rainha. Corridas pelo povo aquellas duas maiores figuras da Galliza, refugiam-se com outros magnates na Igreja de Compostella, que, parece, era uma construção muito rudimentar e fragil, e alli os perseguem arremecendo-lhes pedras e dardos! A furia da população recresce pela impossibilidade de os colher ás mãos e resolve então lançar fogo á Igreja.

Neste lance, apertados já pelas labaredas que rompem de todos os lados, refugiam-se na torre dos sinos. A onda amotinada redobra de indignação, e consegue, por uma fresta baixa da torre, lançar-lhe tambem o fogo.

A situação dos sitiados é verdadeiramente angustiada. A rainha pede e supplica que lhe poupem a vida. Faz-se uma momentanea tregua e o povo consente que a rainha (a sua rainha!) desça da torre. Desceu; mas uma vez no meio dos amotinados a colera manifesta-se — e aquella mulher indefeza pela fraqueza do seu sexo, e que devia ser privilegiada pela sua alta gerarchia — porque era filha de Affonso 6.º de Leão, tinha o dominio da Galliza, e era por fim casada com Affonso, o Batalhador, Rei do Aragão — é arrasada pela lama, calcada, são-lhe esfarrapados os vestidos no meio de zombarias e de apupos; e ainda no fim de tudo isto uma velha dá-lhe com uma pedra na cara! . . .

Isto horrorisa, não ha duvida; mas temos a attender a que não se tinha ainda organizado, como agora, a instituição do Registro Civil; não havia commissarios de policia — nem se telefonava para a esquadra mais proxima. Não tinham chegado ainda de França os direitos do homem. . . nem tinha nascido Rousseau.

A sociedade d'aquelle tempo vivia no *tunnel* sombrio que se interpôz, durante seculos, entre a varzea ridente do esplendor da

vida romana e a campina aonde lentamente incidiu, illuminando-se, o sol da tenascença.

Nesse longo eclipse viveu-se num semi-barbarismo.

Mas, transformado o vasto scenario. . . toda a nossa philosophia se perturbou por se sentir impotente para explicar como pode o homem d'hoje regressar, depois de todas as suas conquistas de civilização, áquella phase semi-barbara do povo de Compostella no seculo XII!

E' tão estranho o facto, a cada hora reproduzido no nosso momento historico, que nos dá a impressão de que se trata d'um caso puramente pathologico — um como sonambulismo hysterico de caracter contagioso! Porque, os demagogos de Compostella não usariam do calhau e do chuço, se tivessem a mechanica do nosso tempo para lhes armar o braço com uma carabina de precisão como a do Buiça! . . .

Esses infelizes, que viveram na treva medieval, nunca souberam o que era a doce fraternidade; não gosaram, como nós, o perfume estonteante d'esta democracia feita de liberdade, da respectiva igualdade, e do competente *superavit de cordealidade*.

E a Europa, a Asia, a America, que nos conheciam com uma certa admiração por termos mostrado ao mundo o caminho maritimo da India, não estão agora menos surprehendidas do ultimo grandioso feito da raça lusitana — a glorificação dos dois heróicos successores do Gama e do Affonso d'Albuquerque — o Buiça e o Costa!

Repisando

Quando a semana passada escreviamos o artigo aqui publicado sob o titulo «O ajuste de contas», nem sequer nos passou pela imaginação que depressa veriamos confirmada em letra redonda a afirmação que fizemos de ser o medo do castigo que merecem os seus actos infames o que ainda sustenta alguns republicanos nas fileiras demagogicas.

Sempre suppozemos que se alguma referencia fosse feita ao nosso humilde e desprezencioso escripto, ella seria tendente a demonstrar, com factos concretos e concludentes, alguma coisa em contrario do que dissemos; mas como esses factos escasseiam, vimos com supremo espanto, não o silencio prudente de quem não tem que contrapor, mas a confissão clara e insophismavel de que a verdade neste caso, como em todos os outros, está do nosso lado.

Numa d'essas referencias, offerecem-nos em grosso normando este trecho de Elias Regnault sobre a republica de 1848 em França:

«Os republicanos moderados, verdadeiramente republicanos e verdadeiramente moderados, offereceram a paz aos seus inimigos vencidos.

Estes responderam-lhes com gritos de guerra. Foram indulgentes com elles; mais tarde, quando a republica foi vencida, elles proscreveram-nos; mostraram-se conciliadores e não encontraram senão odios implacaveis».

Prova real: a demagogia tem medo que após a restauração da monarchia se dê em Portugal o que Elias Regnault diz ter acontecido em França em 1848, e mereço d'esse medo que de todo a subjuga, prefere ver a patria afundar-se em um mar de lama, a vel-a surgir d'entre os escombros em que a vão convertendo, prospera e feliz por meio da monarchia.

Aquelle trecho poderiamos oppor outros de homens cuja auctoridade não deslustra a de Regnault, mas não os chamemos para aqui e sirvamo-nos do que nos

offerecem, dando-lhe todos os foros de verdadeiro.

Que demonstra elle? Que em França os republicanos offereceram a paz aos seus inimigos vencidos com quem foram indulgentes.

Aqui, a demagogia bem o sabe, a paz offerecida foi o assalto, o incendio, as bombas, o assassinato, o insulto, o vexame e a indulgencia consistiu em odiosas perseguições, encarceramentos e toda a qualidade de selvagerias que ainda hoje, a três annos e meio de republica, se repetem a cada passo.

Visto este caso á luz da pathologia social, somos forçados a admitir — e temos de admitir — dando de verdadeiras as palavras de Regnault — que os factos occorridos a seguir á aventura de outubro foram diferentes dos succedidos em França, diferentes teem de ser os que se seguirem á restauração monarchica.

Não é necessario, porém, recorrer á regra pathologica, para podermos formular uma predição segura do que virá a succeder.

Factos bem portuguezes nos mostram que o que temos a esperar da nova monarchia, será muito diverso do que a republica nos deu com todos os seus apregoados ideaes. . . de vida nova.

Consideremos em primeiro lugar que a canalha, esse elemento arruaceiro, capaz de todas as patifarias e de todos os desmandos, está do lado de lá apoiada e subsidiada por quem *todo lo manda*.

Do lado de cá tudo tem sido ordem, serenidade e grandeza de animo.

Não se diga que é o medo que assolou os arraiaes monarchicos, porque o patriotismo com elle não pode comparar-se.

Os monarchicos teem por si a força numerica e numerária e se quizessem tentar uma acção decisiva sobre a republica, ella resultaria brilhantemente victoriosa e a republica cahiria, chafurdaria no ignominioso lodo da repulsão e do desespero.

Mas os monarchicos não querem. Os monarchicos querem ver cahir a republica roida pela podridão que a corrompe, querem que ella morra de vergonha, mas que lhes legue este torrão benedito, embora desacreditado e abatido, porém susceptivel de rejuvenescer e de se tornar forte.

A monarchia não força, espera, e é nisso que consiste a sua mais rara virtude patriótica.

Depois ha a considerar tambem a differença que existe entre duas figuras de destaque na politica portugueza, aquellas que se teem imposto, uma pela aversão que inspira e outra pelo carinho, pelo affecto com que é nomeada.

Do lado da republica temos o snr. Affonso Costa, o eminente estadista, o segundo Pombal que teremos de admirar em estatua de prata da marca Carneiro, o heroe de *Ambaca*, do *opio*, das *prescripções*, das *binubas*, o homem das *intentionas*, o cumplice de *Eloy*, do *Scevola* e do *Homero*, aquelle que está processado nos tribunaes ordinarios, mas que para degradação nossa bate o pé a umas duzias de cordeiros da fábula, porque estes são uns imbecis e porque elle tem a sua força na «carbonaria», na formiga branca» e quejandos agrupamentos de malfeteiros e assassinos.

Temos o homem sem entranhas e sem coração que applaude todas as infamias e todos os cannibalismos de quem nada de bom ha a esperar, pois que até — de ter baticido na mãe o accusam.

Do nosso lado, do lado da monarchia, temos a figura sympathica de Sua Magestade El-Rei, esse nobilissimo portuguez a quem os Ambaquistas ha três annos e meio se não cançam de assacar faltas sem, comtudo, terem conseguido, depois de tanto tempo, compro-

var uma só, que se alguma falta commetteu a unica de que o podem occusar é a de não ter querido vingar a morte de seus Augustos Pae e Irmão.

E' sob a direcção de um portuguez de lei, de um coração diamantino, de uma alma generosa, como é o Senhor D. Manoel II, que se fará a nova monarchia que ha-de dirigir os destinos do nosso paiz. E com tal segurança, o povo portuguez está todo prompto a receber de braços abertos a unica solução do problema nacional, a unica salvação da nossa patria — o restabelecimento do regimen monarchico.

Para podermos avaliar o que será essa monarchia com Rei tão magnanimo, basta que volvamos ao passado e vejamos o que succedeu aos assassinos das Regias victimas do Terreiro do Paço, que foram perdoados os vivos e consentida, com liberdade nunca vista, a criminosa glorificação dos mortos.

Descansem, pois, os republicanos que o ajuste de contas não existirá e os cobardes incitados á traição da patria pelo medo que os obceca, encontrarão no despreso o castigo que merecem.

Anthero.

"DIARIO DA MANHÃ,"

Conforme estava annuciado iniciou na passada quarta feira a sua publicação em Lisboa o *Diario da Manhã* a quem dirigimos as nossas mais affectuosas saudações.

O seu primeiro numero vem illustrado com um bello retrato de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II.

Do artigo programma do brilhante defensor da Monarchia pedimos venia para destacar os seguintes periodos:

Os povos podem viver com pobreza, mas não podem viver sem ordem publica. As nações podem viver com difficuldades financeiras, mas não podem viver sem tranquillidade; os paizes podem viver com erros, mas não podem viver sem ordem social; a ordem é o fundamento das sociedades politicas organizadas. O problema da ordem publica foi sempre o problema vital dos regimens republicanos, provindos de actos violentamente revolucionarios. A republica em Hespanha cahiu pela desordem; a primeira republica franceza cahiu pela desordem; a terceira republica franceza viveu quasi tranquilla durante quarenta annos porque a terceira republica não proveio d'uma revolução, proveio d'uma eleição; a terceira republica fez-se em Sedan e em Metz e não em Paris; proclamou-a o parlamento e não o canhão; dirigiram-na os monarchicos, como Thiers e Mac-Mahon e não os republicanos demagogos ou jacobinos. Mas quando a republica cahiu em Hespanha e nesse paiz visinho se restaurou a Ordem, com a Monarchia, a intervenção estrangeira já ameaçava a integridade da Hespanha; alguns navios de guerra hespanhoes já haviam sido apresados pelas nações estrangeiras. O que seria hoje da Hespanha, da sua independencia, da sua vida nacional, se as espadas de Pavia e Martinez não tivessem restituído ao seu paiz a ordem social completamente anarchizada num anno de republica?

O que teria sido da França, se Napoleão a não tem salvo da anarchia da republica com a monarchia imperial?

E', pois, preciso igualmente que Portugal se salve! Não se trata de republica ou Monarchia! Não se trata de monarchicos ou de republicanos. Tantos erros podem ter uns como outros no seu coeficiente politico; tantas virtudes teem igualmente os adeptos dignos e honrados d'um credo como os adeptos honrados e dignos do outro.

Não se trata de qualquer ideal politico — trata-se de salvar o ideal da Patria e esse só a Monarchia o pode salvar! A Monarchia é a ordem! A Monarchia é a paz! A Monarchia estenderá o seu manto sobre as cabeças de todos os portuguezes, não distinguindo entre monarchicos ou entre republicanos. A sua bandeira de ordem, de prestigio energico d'auctoridade, de segurança individual, de liberdade, de respeito publico — será ao mesmo tempo a bandeira da paz, de amor, de tolerancia, de concordia entre todos os portuguezes.

Vá de fartar!...

Camillo, o genial polemista que melhor soube alliar a genuina graça portugueza aos primores da sua prosa por vezes mordaz e contundente, escreveu, a proposito da competencia do seu mestre de latim, posta em duvida pelo então seu adversario naquella velha mas sempre interessante questão da «Sebenta», pouco mais ou menos isto:

«Era humilde, mesmo muito humilde, a pessoa do meu finado padre mestre Jorge.

Não ha duvida. Em todo o caso das suas lições, que saudosamente recorde, algum proveito colhi. Não seria muito, mas foi o sufficiente para poder defrontar-me com...

Mas... o meu saudoso mestre morreu, sim, morreu! No raso e humilde coval onde, para todo o sempre, repousam os seus restos, mãos piedosas collocaram uma grade que... não dá acesso aos cães!...»

Diz bem ao caso esta passagem da polemica do glorioso auctor do «Amor de Perdição»; ajusta-se perfeitamente á questão.

Não sei eu se á volta do coval raso da infeliz esposa de Ferreira Leite ou do padre Laurentino mãos piedosas collocaram tambem as grades que não dão accesso aos cães!

Não; não sei.

O que sei, o que toda a gente sabe, é que quem tenta defender o regulu cruel revolvendo as cinzas sempre queridas e sempre respeitaveis d'aquelles que dormem o somno eterno na santa paz da sua jazida (que miseravel defeza!), evidencia, de um modo conclusante, uma baixeza de character tão vil e tão repugnante que nenhuma defeza tem!

Na sua alma de lama ha, evidentemente, o que quer que seja de putrido e nauseante; nas terribes machinações do seu cerebro uma só ideia predomina, a da sabuja e repellente subservencia; nunca o santo amor votado aos mortos queridos, para a memoria dos quaes tem a gente portugueza aquellas flores da saudade que costuma desfolhar sobre o seu coval, teve agasalho no seu coração de fera!!

Nem os mortos escaparam á vossa sanha perversa, oh! supremos bajuladores!

Porque não insultaes os vivos? Porque não alludis á Miranda de Barros e Crespo Guimarães que vos tirariam a pelle?

Celebrae o vosso festim. Dae-lhe de comer. Ide, ide todos, que não sois muitos. Incuti no espirito dos simples a informação terrivel que resultaria da sua não annuenciã á *bambochata!*

Não vos esqueçaes de lhe vestir, no final da boda, a mesma saia branca com que, depois de umas libações excessivas do *verdasco*, ajudou a entoar um miseravel *cantochão*, altas horas da noite, ahí numa certa casa!

Gosae-o, gosae-o, que elle presta-se para tudo!

Ide, ide todos. E se á ultima hora vos faltar algum (é natural), substitui-o pelos de... Gôa.

Vá de fartar!

Celebrae festivamente o odio, o odio cruel que não tem força creadora, tantas vezes votado aos vossos irmãos de trabalho; buscae a treva e deixae a luz; amae o bom guia, o bom conselheiro, o bom mestre; erguei nos vossos braços de supremos apóstolos a figura *sympathica, attrahente e insinuante* do maior regulu dos tempos modernos; exponde-o á admiração da immensa legião dos vossos collegas do paiz que o contemplarão cheios de nojo e asco; mostrae do alto da montanha o *santo sudario* do livro das actas, dos diplomas, dos descontos illegaes, das perseguições accintosas, dos officios dictados ás *jovens turcas*, das

bellas *rapiocas* do quarto do hotel do Toural; amae, finalmente, o mau que nós... vamos preparando o pau!

Fazei, fazei tudo isto, mas respeitae os mortos!

Eu quero, de qualquer modo, ajudar ao vosso festim. Aqui vos deixo o eschêma do programma. Vá, vá de fartar!

Pinho Negro.

Post Scriptum:

Ah!, valha-me Deus, esta minha cabeça...

Então não me ia esquecendo o *espiche* do sr. Almeida Guimarães?

Julgo que fez a sua estreia no mundo das gazetas. Para principiante acho bem. O rapaz é fino, dizem lá por Cadoso. Pois se elle é o *mestre dos mestres!* A mestra que lhe ensinou as primarias instrucções chama-lhe *mestrisimo!* A D. Docinda tem coisas... Deixe o rapaz que elle vae. Devagar, mas vae. Coitado, faz o que pode.

Parabens pela *auspiciosa* estreia.

Isto de escrever nas folhas é tambem para genios que nascem de encolhas, apesar d'aquelle *grande pateta* do Castilho ser de opinião contraria.

Ande lá que vae bem, chega mesmo a dar esperanças.

Com que então só 12 professores do concelho deixam de anapar ao festim? Mas não eram só 6?

Olhe que até ao lavar dos cestos é *vindima*. A gente, ás vezes, engana-se. Ora verá.

Pinho Negro.

Echos da sociedade

Das suas importantes propriedades regressou a esta cidade, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa, o nosso illustre conterraneo sr. Domingos Leite de Castro.

Esteve no Porto, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa e insinuante filha, o nosso presado amigo sr. Alvaro da Costa Guimarães.

Nas suas propriedades de Sam Gemil, encontra-se com sua Ex.^{ma} Familia o nosso estimado amigo sr. dr. Joaquim Machado.

De Mindello, regressou a esta cidade o nosso distincto amigo e illustre professor do lyceu sr. Conego dr. Manoel Moreira Junior.

Acompanhado de sua gentilissima filha esteve na terça-feira passada na cidade de Braga o nosso estimado amigo sr. Antonio José Antunes Machado.

Esteve no Porto o nosso querido amigo sr. Antonio de Freitas Ribeiro.

Retirou para Santo Thyrsó, a Ex.^{ma} Senhora D. Olympia Coelho Trepa, irmã do nosso collega da «Semana Thyrsense» sr. José Coelho Trepa.

Acha-se completamente restabelecido o nosso amigo sr. Domingos Leite Corrêa Azenha (Freira).

Egualmente se acha em vias de completo restabelecimento o nosso amigo sr. Jeronymo Gualter Navarro Martins Vaz de Napoles.

Esteve um dia d'estes entre nós, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso querido amigo e distinctissimo escriptor sr. Conde de Villa-Moura.

Para Villa Nova de Gaya, retirou ha dias o nosso estimado amigo sr. dr. Carlos Rego.

A central feminina

A camara, afinal, mais bem pensada, resolveu abrir a escola central feminina d'esta cidade.

Aquellas berradas cantilenas do inspector-vereador foram-se pela agua abaixo. A imposição feita ao ministro da instrucção deu em droga. Tambem só nos faltava ver um ministro a receber imposições d'uma camara.

Vae, pois, abrir-se a escola, apesar da *fanfarronada* dos processos disciplinares, para attenuar o fiasco.

Uma pandega, tudo isto. Não se esqueçam de mandar o inspector-vereador levantar os taes processos. Tinha sua graça.

Afinal aquelle conselho da *rata* sabia serviu apenas para...

Porque lh'o não aproveitaram?

Decididamente o frei Antonio anda em maré de pouca sorte. Coitado, pois é pena que o frei vale o convento inteiro!

NOTICIARIO

Club dos Caçadores

No domingo proximo, realisa-se a inauguração do novo stand do Club dos Caçadores d'esta cidade, havendo um torneio de tiro aos pombos a que só podem concorrer socios do Club.

Deve ser uma festa brilhante, attendendo ao muito entusiasmo que se nota entre os afficionados.

O terreno para o stand foi generosamente cedido pelo nosso querido amigo e importante proprietario sr. Visconde de Paço de Nespereira (Gaspar) a quem o Club deve importantes serviços.

Asylo de Santa Estephania

Em beneficio d'esta benemerita instituição de caridade, realisa-se brevemente um espectáculo no Theatro Dom Affonso Henriques, levado a effeito por uma commissão de rapazes da nossa terra, de que fazem parte os snrs. Alberto Costa, Amadeu Carvalho, Mario Cardoso, Armino Guimarães, Jeronymo d'Almeida e Adriano Trepa.

Baptizado

Realisou-se na quinta-feira passada, na parochial de Nossa Senhora da Oliveira, o baptizado d'uma filhinha do Ex.^{ma} Senhora D. Jesophina Candida Martins Ferreira e do nosso estimado amigo sr. José Gonçalves, recebendo e neophita o nome de Amelia Christina.

Foram padrinhos o abastado capitalista sr. Domingos Martins Ferreira e a Ex.^{ma} Senhora D. Amelia Christina Gonçalves, representada por procuração pela Ex.^{ma} Esposa do importante negociante sr. João Fernandes de Mello.

Os nossos parabens.

V. Ordem Terceira de S. Domingos

Realisou-se no dia 25 do corrente mez, a eleição da nova meza da V. O. T. de S. Domingos para o anno de 1914-1915, ficando eleitos os snrs.: Prior, Padre Francisco Antonio de Lima; Sub-prior, Antonio Augusto da Silva Carneiro; Secretario, João Fernandes de Mello; Vigario do Culto Divino, Padre Manoel Ferreira Ramos; Mestre de Noviços, Rodrigo José Leite Dias; Zelador Geral, José Joaquim de Souza Felix; Thesoureiro Geral, José Menezes d'Amorim; Caixa do Hospital, Manoel Augusto Pereira Duarte; Caixa de Entrevados, Ma-

noel José de Carvalho; Thesoureiro do Sagrado Lausperenne, José Fernandes da Costa; Consultores: Elysio Teixeira de Carvalho e Antonio José Pinheiro; Zeladores da cera: José Antonio Mendes Ribeiro e Joaquim da Silva Eugenio; Prioreza, D. Christina Martins da Costa; Sub-prioreza, D. Maria da Madre Deus Pereira Mendes; Mestra de Noviças, D. Anna Candida da Cunha; Sacristãs do Culto Divino: D. Maria da Conceição Oliveira Costa, D. Maria d'Ascensão Fernandes da Silva Braga, D. Beatriz Izaura de Freitas Machado e D. Laura de Jesus.

Juventude Catholica

Hoje haverá nesta sympathica agremiação uma brilhante conferencia pelo illustre orador sagrado sr. Padre Silva Gonçalves, tendo sido convidado para presidir o nosso distincto conterraneo sr. dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes (Margaride).

A conferencia realisa-se, á noite, pelas 9 horas, no salão nobre da Assembleia Vimaranesense.

Conselho de uma mãe a suas Filhas

E' o titulo d'um suggestivo livro, que acaba de ser traduzido do francez para a lingua portugueza, por um prisioneiro politico. Todas as mães verdadeiramente cristãs o devem adquirir, não só para ajudarem o seu traductor, como ainda por elle contêr materia que hoje, mais que nunca, é necessario divulgar.

Vende-se pelo preço 100 reis, na casa Chinezã, ao Toural.

Agradecimento

Domingos Leite Corrêa Azenha, completamente restabelecido dos seus incomodos, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe deram a honra da sua visita ou que por qualquer meio se informaram da sua saude, protestando a todos o seu perduravel reconhecimento.

Guimarães | 30 | V | 914.

Arrematação

1.ª Publicação

No dia 14 de Junho proximo, ás 11,30 horas, no tribunal judicial d'esta comarca, sito na rua de Gravador Molarinho, d'esta cidade, vae á praça por deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procedeu por falecimento de José Maria Breia, morador que foi na freguezia de S. Martinho de Sande, d'esta comarca, o direito e acção a metade da propriedade chamada do Alvite, situada na dita freguezia, composta de uma morada de casas terreas e telhadas, dividida em três e um pôço com bomba de madeira, tudo circunscrito por parede, direito e acção que é posto em praça por 350\$00, ficando toda a contribuição de registo a cargo do arrematante.

Ficam pelo presente citados quaesquer credores incertos.

Guimarães, 22 de maio de 1914.

O escrivão do 1.º officio, Armando da Costa Nogueira.

Verifiquei.

P. de Rezende. (32)

Editos de 30 dias

1.ª Publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão do terceiro officio abaixo assignado, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este no «Diario do Governo», e em um dos jornaes da localidade, a citar os interessados Manoel Lopes d'Araujo Gomes, casado, ausente em parte incerta em Africa e Julia Duarte Gomes, como representante de seu filho menor José Duarte, residentes em parte incerta em Lisboa, para assistirem a todos os termos e autos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua mãe e avó Maria Joaquina Lopes Gomes, casada, moradora que foi na rua de Sam Damaso, d'esta cidade, sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Guimarães, 18 de maio de 1914.

Verifiquei,

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 3.º officio,

(31) Cetano de Faria Lima.

Editos de 30 dias

(1.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito da segunda vara civil da comarca do Porto, cartorio do escrivão Baptista, e nos autos de acção ordinaria para investigação de paternidade illegitima em que são auctoras Dona Maria da Conceição Gil Cortez Gouveia Bessa, casada, que em solteira usava o nome de Dona Maria da Conceição Gil Cortez Gouveia, autorizada por seu marido Eugenio da Cunha Bessa, commerciante, residentes na rua d'Alegria, e Dona Aurora Gil Cortez Gouveia, solteira, menor pubere, por si e tambem representada por sua mãe Dona Maria Gil de Souza Basto, casada, e com esta residente tambem na rua d'Alegria, da cidade do Porto, e reus Abilio Leonardo de Gouveia e esposa Dona Joaquina Gonçalves d'Oliveira, elle escrivão-notario em Fafe; Dona Maria da Piedade Gouveia e Silva e marido Antonio Gonçalo da Silva Junior, proprietarios, tambem de Fafe; Dona Alzira Gouveia Alves Barreira e marido Antonio Alves Barreira, empregados telegrapho-postaes, de Mattosinhos; Benjamim Leonardo de Gouveia, solteiro, maior, commerciante, da rua de Dom João Primeiro, d'esta cidade, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, e incertos que se julguem com direito a intervir na acção, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação do respectivo annuncio, a citar aquelle reu Benjamim Leonardo de Gouveia, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para na segunda audiencia do referido juizo, passados que sejam os primeiros cinco dias, depois de findo o prazo dos editos, ver accusar a sua citação, e ahí marcar-se-lhe três audiencias para deduzir a sua contestação, querendo, á dita acção, por vai

da qual as ditas aucteras pretendem que a mesma acção seja julgada procedente e provada e por conseguinte devem ser julgadas filhas illegitimas perfilháveis e perfilhadas do seu falecido pae José Leonardo de Gouveia, tenente do exercito, morador que foi na rua de Santa Catharina, freguezia do Bomfim, da cidade do Porto, para todos os efeitos legaes e designadamente para os mencionados no artigo trigessimio primeiro e seus numeros do Decreto numero dois de vinte e cinco de dezembro de mil nove centos e dez, devendo alterar-se a partilha feita no inventario a que se procedeu por morte do dito pae das aucteras, por forma que estas sejam consideradas herdeiras como filhas perfilháveis e perfilhadas e não herdeiras testamentarias até para os efeitos fiscaes de contribuição de registo, sendo os reus condemnados a assim o verem julgar com as consequencias legaes.

As audiencias no referido juizo fazem-se todas as terças e sextas-feiras de cada semana, não sendo dias feriados, porque sendo-o fazem-se nos immediatos ás dez horas, no Tribunal Judicial em Sam João Novo, da dita comarca do Porto.

Guimarães, 28 de maio de 1914.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
P. de Rezende.
O escrivão do 5.º officio,
(33) Eduardo Pires de Lima.

Editos de 30 dias

(2.ª Publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão do primeiro officio, no inventario de maiores a que se procede por falecimento do Dr. Antonio Vieira d'Andrade, morador que foi na cidade de Guimarães, correm editos de trinta dias, que se começarão a contar da ultima publicação do presente annuncio, chamando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito á herança do inventariado, para o deduzirem no referido prazo, pena de revelia e de ser julgada por sentença a partilha amigavel feita entre os interessados que do mesmo inventario constam, conforme o traslado da escriptura junto aos autos.

Guimarães, 22 de maio de 1914.

O escrivão do 1.º officio,
Armando da Costa Nogueira.
Verifiquei.
(29) P. de Rezende.



Benjamim de Mattos

Toural, 105—Guimarães

Estabelecimento de Modas, Confecções, Malhas, Fazendas brancas, Perfumarias, Pa-péis pintados para forrar casas, Serpentinhas, Confetti, Machinas de costura, Bycicletas, Motos e seus accessorios.

Especialidade em pannos brancos, bordados, guarnições, echarpes de seda, jerseys, chales, guarda-soes de seda, setim, etc.

Sempre grande sortido em tecidos de lã para luto e guarnições proprias.

E' a casa que mais sortido tem e que mais barato vende.

Vende tudo mais moderno, melhor e mais barato

Vendas só a dinheiro. Não se vende a credito

EM DEPOSITO: bycicletas das marcas Derby, Spring, Tagus, E. G. A., Dixi, Meteor, Royal, Radna, etc., e motos Indian, modelos 1914.

Tambem vende bycicletas das marcas Sirius, Premier e Rudge, e motos de diversas marcas.

Sempre bycicletas e motos com pouco uso, que vende por preços baratissimos.

ALUGAM-SE BYCICLETAS, TRENS E AUTOMOVEIS (5)

PHOTOGRAPHIA MODERNA

— Rua de S. Damaso, 10 —
GUIMARÃES

Nesta acreditada photographia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos photographicos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, saes de prata, etc.
Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer photographia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda.
Admiraveis retratos reclame, a 400 réis a meia duzia.

Bellas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia duzia.

Postaes photographicos, a 900 réis a duzia.

Ampliações inalteraveis de 50 centimetros, a 1\$500 réis.

Esta photographia possui um excellente material, o que ha de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a maxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encommendas fora do atelier sem augmento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o unico com quem ninguem pode competir em preços e perfeição. (4)

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

SINGER

MAIS
APERFEIÇO-
AMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES (1)

COLLEGIO DE SANTA MARIA

(EDUCAÇÃO DE MENINAS)

Palacete da Madroa—GUIMARÃES

INTERNATO, semi-internato e exte-rnato. Optima alimentação. Professorado escolhido. Educação moral, litteraria, ar-tistica, physica e domestica.

Local hygienico, com grande cêrca para recreios e jogos.

Envia programmas a directora

Maria de Souza Barros.

Liquidadora Vimaranense

ESCRITORIO

89, Passeio da Independência, 91

Esta empreza vae iniciar no proximo mez de Abril, por meio de leilões semanaes, a venda de todos os objectos que lhe sejam enviados, taes como mobiliarios, roupas, fazendas de estabelecimentos ou fabricas, mediante uma pequena commissão. Na casa GERVASIO, com estabelecimento de ferragens e outros artigos, effectuam-se seguros de vida, accidentes de trabalho, maritimos-postaes e contra fogo. (14)

Echos de Guimarães

SEMANARIO MONARCHICO

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)	
Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES (Pagamento adeantado)	
Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciais, para os srs. assi-gnantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranense
R. Fayo Galvão—Guimarães

Echos de Guimarães

I Anno

SEMANARIO MONARCHICO

Num. 14

Ex.º Snr.